

Cr. M. Alberto Alves de Faria, mar. u.
11. 2267
J. R. G. Gonçalves

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I N.º 5
ABRIL DE 1958

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Officina de S. José
- BRAGA -

CRISTO RESSUSCITOU!

Manhã de Domingo, depois da morte de Jesus. Ainda só se divisavam sombras e a Madalena, aquela a quem muito foi perdoado porque muito amou, corria já, apressada e nervosa para o Sepulcro de Cristo. E, enquanto Jerusalém dormia, descansando cinicamente sobre o seu crime, ela corria, corria sempre.

Entra no Horto. Deixa para trás uma árvore, dobra uma esquina e eis que vê lá ao fundo o Sepulcro de Cristo.

Mas... sente-se estonteada. Um quebranto traiçoeiro apodera-se-lhe dos membros, um frémito estranho sacode-lhe o corpo e deixa de ver à sua volta. É que o Sepulcro está ali, aberto, mas vazio. Ele, o Mestre não está lá. Corre outra vez ao Cenáculo e grita para Simão Pedro, sem desespero mas com uma ansiedade enorme: — «Tiraram o Senhor do Sepulcro e não sei onde o puseram». Corre Simão também com ela e... de facto Ele não está lá...

No Horto, entre as árvores, a Madalena chora, porque lho tinham tirado, porque não sabia d'Ele, porque O amava.

— Mulher porque choras? Quem procuras? — dizia alguém atrás de si.

— Diz-me onde O puseram... — Suplica a Madalena, pensando falar com o jardineiro.

— Maria! — Volve, em doce murmúrio, a aparição.

— Mestre! — responde num grito a irmã de Lázaro. E fez-se luz na sua alma. Era Ele, o Mestre, o Senhor, o seu Jesus, vivo, brilhante, bondoso e sorridente como sempre fora.

Parecia um sonho, mas era realidade: ter-lhe-ia até beijado as chagas dos pés, se o Senhor a não afastasse com mansidão.

E agora corre, outra vez para o Cenáculo. Era preciso que os discípulos soubessem, que todo o mundo soubesse que o Senhor tinha ressuscitado, que tinha vencido o pecado e a morte para sempre... para sempre...

E que alegria, que contentamento lhe ia na alma ao correr com esta nova formidável.

E pensava: — Sou livre, são livres os homens, é livre todo o mundo. Porque Ele é o Salvador, o Mestre, a Bondade, a Misericórdia e não ficou enterrado no Sepulcro para sempre, não ficou vencido.

E corria em paz. Nada a atemorizava:

— «Os seus pecados?»

— Cristo ressuscitou — murmurava baixinho.

— As tentações? — Cristo ressuscitou — respondia lá no íntimo.

— O Mundo? — Cristo ressuscitou — dizia a si própria.

— O Demónio? O Mal? O Inferno? — Mas Cristo ressuscitou, venceu e com Ele vencereis.

E corre. Corre cada vez mais leve e apressada e os que a vêem passar lançam atrás dela esta pergunta palpitante e ansiosa:

— Diz-nos, Maria, o que viste no Caminho?

E ela voltando-se ágil e airosa, em grito triunfante, para nós e para o mundo todo, brada:

— Ressuscitou Cristo, minha Esperança! Deixa atrás os teus pecados e anda comigo para o Céu!...

E mais alto e já mais longe:

— A porta está aberta... A porta está aberta...

— « Alleluia! Alleluia!
Ressuscitou Deus do Céu
Filho da Virgem Maria:
Ó homens! tende alegria,
Tende fé; pois renasceu,
Neste dia,
Quem por vosso amor morreu...
Alleluia! Alleluia! »

« Parábolas »

(Capit. « Alleluias »)

António Corrêa d'Oliveira

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica

NOTAS SOLTAS

DAVA gosto vê-la passar ao nosso portal, de mangas arregaçadas, enchada ao ombro, a cantar e a vender saúde. Era a Lena. Dezoito ou dezanove anos. Rapariga de trabalho como não havia outra. Levantava-se ao toque do sino. Fazia o almoço, varria a casa, dava a ração aos animais e, ainda o sol mal nascera, já ela seguia para os campos com os irmãos ou com o pai, a cantar e a vender saúde. Rapariga séria. Olhos cheios de juventude e de limpidez. Não admitia graças de mau gosto nem insinuações dos rapazes. Passava de olhos levantados, a reflectir uma alma cheia de pureza.

Namorava. Nas romarias não aceitava um qualquer nem se demorava à portinha quando a noite descia. Nem permitia à vontades ao rapaz. Dava gosto vê-la passar, ao nosso portal, cheia de alegria e de primavera.

Agora não. Já não és a mesma, Lena. Levantas-te tarde, nem sempre varres a casa e os solitários do oratório da sala há que tempos que não têm flores. Dantes tinha-los sempre num brinco, com flores novas todos os dias. E os teus irmãos e o teu pai quantas vezes têm que esperar pelo almoço para partir para os campos. Demoras conversas duvidosas com qualquer rapaz e quando a noite desce, já não mandas o namorado embora, como fazias no tempo em que tinhas os olhos puros.

Ah! Lena, que saudades que tenho do teu olhar antigo e dos tempos em que passavas ao nosso portal, a cantar e a vender saúde.

* * *

Rapaz novo. Cabelreira farta, quase sem barba na cara, tinha a alma cheia da simplicidade e da frescura dos milheirais. Foi para a tropa. A mãe estava com receio. Lisboa é uma cidade de muito pecado e de pouco temor de Deus. Há rapazes que na tropa estragam a vida para sempre. E quando o filho partiu, partiu com ele um pedaço da alma da mãe. Demorou por lá meses e meses. Por festas do ano, dava uma fugida até S. Paio. Simples, amigo de todos, falava com todos, sem querer mostrar superioridade por ter andado na capital. Vi-o aqui há tempos. Não me enganei. Era o mesmo. O mesmo sorriso, a mesma candura de alma, fresca como os trigais que ondulam pelos campos.

Contaram-me depois os seus colegas de caserna: «Um rapaz de S. Paio, branquito da cara, quase sem barba? Conhecemos. É um caso

raro. Nunca falta à missa nem nunca está disposto a tomar parte nas nossas estroinices. É um dos tais que reza o terço todos os dias».

* * *

Carta vinda de longe. Trazia erros de gramática e falhas de pontuação que eu corrigi. A carta sabia a lágrimas. O rapaz dizia que tinha saudades do mar. Era de Guilheta e quem viveu à beira-mar nunca mais o pode esquecer.

Depois referia-se à festa da Páscoa: «Ontem foi domingo de Páscoa. Que tristeza, meu Deus. Só me apetecia chorar. Um domingo como outro qualquer. Não houve visita Pascal. Aqui não é costume haver visita Pascal. Nem foguetes, nem música, nem casas enfeitadas, nem verdes à entrada das portas, nem a campainha a tocar pelos caminhos».

Depois recordava: «Em S. Paio, a Páscoa era o que havia de mais lindo. Lavava-se a casa, punham-se toalhas novas na mesa da sala, vestia-se o fato melhor, enchiam-se os pratos de doces e rebuçados e pão de ló. Esperava-se então pela visita Pascal. A casa enchia-se de amigos, a campainha entrava a tocar tlim tlim e atrás vinha o sr. Reitor com o barrete na cabeça e o sr. Arménio com a caldeira. Em seguida o mordomo dava a Cruz a beijar a todos os da casa, e ia dizendo: Boas Festas, aleluia, ressuscitou o Filho da Virgem Maria. E mais não sei quê. Mas do resto das palavras do mordomo já se não lembrava. Era uma alegria. Aqui não. Nada. Até dá vontade de chorar».

Terra de S. Paio, que nunca os teus filhos te esqueçam e que nunca esqueçam a fé e as certezas que lhe deste e que levaram ao partir.

PARTIRAM...

Para a França — Bernardo Azevedo Viana.

Para a Argentina — David Gonçalves Cardante.

Para o Brasil — António Maria Neiva Vilarinho (Poveiro).

Para Lourenço Marques — Manuel Moreira Marques.

Para Macau, em serviço da Pátria — José Alves da Cruz.

Para Timor, servindo a mesma causa — Moisés Pires Laranjeira.

Noticiário

Por Terras de Angola

Baptizados

Manuel Maia Alvarães, filho de Manuel Ferreira Alvarães e de Maria Noémia Ferreira Maia Alvarães, residentes no lugar de Belinho, foi baptizado a 16/3.

Carlos Aires Barbosa da Costa, filho de Manuel Carvalho Costa e de Celina da Silva Barbosa, naturais de Vila-Chã e residentes no Freixo, foi baptizado a 16/3.

Armando da Costa Enes, filho de José Enes e de Maria Elvira Barros da Costa, residentes na Pereira, foi baptizado a 16/3.

Albino de Sá Simões, filho de Albino Vieira Simões e de Maria Alice Fernandes de Sá, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 23/3.

Irondina Maria Meira da Costa, filha de Manuel Gonçalves da Costa e de Ana Rodrigues Meira, do lugar de Guilheta, foi baptizada a 30/3.

Maria Augusta Pereira Neiva, filha de Armando de Almeida Torres Neiva e de Umbelina Dias Pereira, de Azevedo, foi baptizada a 3/4.

Manuel Augusto Teixeira de Carvalho, filho de José Fernandes Pereira de Carvalho e de Maria Cândida Teixeira Jaques, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 13/4.

Matrimónio

«O Casamento é a imagem da união de Jesus com a sua Igreja»

Maria Cândida dos Santos Viana, filha de Augusto da Cruz Ribeiro Viana e de Ortelinda Cândida dos Santos, casou, na Argentina, com Manuel da Costa Elias.

Óbitos

Rosa Pires Laranjeira, de 96 anos, faleceu no lugar de Belinho a 27/3.

José de Almeida Torres (Titó), de 35 anos, casado, faleceu no lugar do Monte a 29/3.

Manuel Fernandes de Sá (Bispo), solteiro, faleceu na Argentina.

«Descansem em Paz»

Alegrias de quem anda por longe...

Encontrava-me em Sá da Bandeira. Está a fazer um ano. Tinha acabado de pregar o primeiro sermão de um tríduo preparatório para a desobriga paschal. Daí a seis dias repicariam os sinos os aleluias festivos da Páscoa.

Anoitecia.

Ao sair da Sé Catedral oiço alguém chamar:

— Ó Sr. P.^o António!

Voltei-me. Era um filho de Antas. Sabeis quem? O Cassiano Alves de Faria, ou como noutros tempos dizíamos o Cassiano da tia Florinda. Acabava de chegar da nossa linda terra.

Há quanto tempo nos não víamos?!...

Choveram perguntas da minha parte. E da boca dele brotou uma torrente de notícias. De todos tinha eu uma pergunta a fazer e ele uma notícia a dar...

Conversa animada que só acabou depois da meia noite!...

Por ocasião deste encontro eu compreendi que era necessário ter deixado a terra natal para se poder avaliar a legítima alegria que sentimos ao encontrar um conterrâneo...

Esta alegria porém, não é de todos os dias!

É que Angola é muito grande! Por isso raramente nos encontramos para uns momentos de convívio e de amizade. Além disso nem todos os filhos de S. Paio se encontram em Angola.

Felizmente, desde há algum tempo a esta parte, que essa alegria é proporcionada, mês a mês, a todos os que se encontram longe da nossa terra.

Sabeis porquê? Porque a «VOZ DE ANTAS» vem, mensalmente, trazer-nos o abraço fraternal da vossa amizade e a palavra autorizada, quente e amiga do Pároco da nossa terra.

Bem hajais vós!

Bem haja ele!

Cuíma, Março de 1958.

P.^o António Fernandes de Sá

Doente

Alfredo Dias Ferreira, encontra-se doente desde 31 de Março, p. p., vítima dum ataque cerebral.

VISITA PASCAL

No domingo de Páscoa, saiu, como é costume, a Cruz do Senhor Ressuscitado, em visita de bênção, de cumprimentos e de alegria.

Foi, como sempre, dia grande entre os grandes em S. Paio de Antas.

Houve de tudo: sorrisos, alegrias, sau-



dades e também, porque não dizê-lo, também houve lágrimas de saudade por vós os que estais longe.

Nós vimo-las, sentidas e silenciosas, nos olhos das vossas esposas, das vossas mães, dos vossos filhos, e também as vimos nos olhos das noivas de alguns...

VISITA AOS DOENTES

No dia 23 de Março, saiu em triunfo o Senhor aos seguintes doentes:

Domingos Alves de Azevedo (Santo Amaro), Teresa Crespo Meira, Maria Gonçalves, José Almeida Torres (Titó), Manuel Rodrigues Viana e Antónia Pires Laranjeira, todos do lugar do Monte; José Gonçalves Neiva e Antónia Alves da Cruz

(Agra), de Azevedo; Maria Rodrigues de Almeida e Luis Eiras de Meira Torres (do Poço), de Belinho;

José Fernandes Penteado (Faria), Maria Alves Salgueiro (Mercúria) e Júlia Martins Rigor, de Guilheta; Albertina das Dores Lourenço, Ana Alves da Cruz e Beatriz Pires Laranjeira (Alvelos), do lugar da Estrada.

Festa em Honra de N.^a S.^a das Vitórias

A Comissão das Festas em Honra de Nossa Senhora das Vitórias, a realizar nos dias 12 e 13 de Julho, aproveita as colunas de «VOZ DE ANTAS», para fazer a todos os filhos de S. Paio, que se encontram no Estrangeiro, um apelo em favor das mesmas festas

A Comissão, como sempre, conta com o generoso auxilio de todos os filhos desta terra para que as solenidades possam ter um brilho e esplendor a condizer com a grande devoção que todos consagram a N.^a S.^a das Vitórias.

Para facilitar o envio dos donativos nomeam os seguintes comissários no Estrangeiro:

ARGENTINA — Manuel da Costa Cruz, Calle Nuestras Malvinas, 102. Monte Grande, F. C. N. G. R.

BRASIL — Sebastião Alves Caseiro e José Alves da Cruz, R. Catumbi, 105, Casa 2. Rio de Janeiro.

FRANÇA — Laurentino Meira do Vale, Entreprize Faure. Marnogne. St. Jean de la Ruelle. Loiret. e Manuel Azevedo Neiva, Atelier d'Orleans. R. de la Burelle. St. Jean de Braje. Loiret — França.

ÁFRICA — Cassiano Alves de Faria, C. P. 235. Sá da Bandeira — Angola.